

Negócios Operações batem recorde histórico e ranking provoca briga entre bancos de investimento

Fusões e aquisições superam R\$ 100 bi

Altamiro Silva Júnior e Raquel Balarin De São Paulo

As fusões e aquisições bateram recorde no Brasil no ano passado, movimentando US\$ 57,7 bilhões, e provocaram uma disputa nunca antes vista entre os grandes bancos de investimento pela liderança do ranking dos maiores participantes do mercado. O Citibank terminou o ano em primeiro lugar, seguido bem de perto pelo Credit Suisse, segundo a Thomson Financial.

O volume movimentado em 2007 ultrapassou a marca de R\$ 100 bilhões pela primeira vez e foi 1% maior que em 2006, marcado pela aquisição da mineradora Inco pela Vale, que sozinha movimentou US\$ 17 bilhões. Sem esta operação, o volume de 2007 seria quase 40% maior que o de 2006.

Quatro movimentos marcaram as operações de fusões e aquisições no Brasil em 2007. Consolidação de setores importantes para a economia, como o de petroquímica e o de varejo; empresas brasileiras, como Gerda e Votorantim, comprando companhias estrangeiras; empresas estrangeiras, como o Carrefour, adquirindo as nacionais; e fundos de private equity participando ativamente deste mercado, como a GP Investimentos, que comprou a Magnesita.

Para 2008, mesmo depois dos altos volumes de 2007, os especialistas esperam novos recordes. O Citi, por exemplo, está assessorando o governo do Estado de São Paulo na venda da geradora de energia Cesp e o governo federal na venda da Brasília, holding que controla a Eletropaulo. O mercado estima que só estas duas operações podem ultrapassar os R\$ 25 bilhões. Além do setor elétrico, aposta-se na consolidação do setor



Lacerda, do Citi, conta que banco participou de seis operações acima de US\$ 1 bi

de telefonia (onde a Oi deve adquirir a Brasil Telecom) e uma aceleração das operações no setor de consumo e varejo, graças ao maior aquecimento da economia.

Em meio a uma enxurrada de operações bilionárias, todos os bancos querem se destacar neste mercado. O ranking é dominado pelos estrangeiros. O único brasileiro é o Itaú BBA, que ficou em sexto lugar. "Uma operação de fusão e aquisição é aquela na qual não existe uma segunda chance de causar boa impressão", diz Candido Bracher, do Itaú BBA, afirmando que cada operação é única e exige dedicação máxima.

Entre os independentes, a Estater e a Pátria Investimentos são os destaques. Segundo Antônio Wever, sócio do Pátria, as receitas com estas operações por lá cresceram 100% nos últimos três anos. O banco tem equipe

de nove profissionais, dos quais três são sócios e se dedicam desde a origem até os acertos finais.

O Citi participou de seis das 12 operações que movimentaram mais de US\$ 1 bilhão em 2007 e subiu da 15ª posição em 2005 para a sexta em 2006 e a primeira em 2007. Ricardo Lacerda, presidente do banco de investimento do Citi, foi o responsável pelo sucesso. Vindo do Goldman Sachs, que era o líder até então, levou sua equipe para o banco americano, que hoje conta com 30 profissionais só no Brasil para a área. "A economia brasileira, crescendo de forma mais acelerada, aumenta a necessidade de consolidação em alguns setores", avalia Lacerda, que prevê ritmo forte de operações este ano.

Colado ao Citi, com 29,5% do mercado, está o Credit Suisse, com 29,4% e líder de 2006. José Olympio, o responsável pelo banco de investimen-

to do CS, se diz surpreso com a relevância que o ranking assumiu no mercado. "Mais relevante é a criatividade na hora de fazer as operações e o valor gerado aos acionistas", diz ele. Como exemplo, Olympio cita a compra da Magnesita pelo GP, com preço cinco vezes mais alto que a cotação do papel na bolsa.

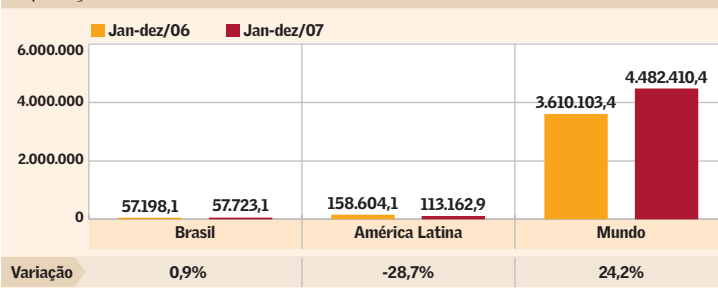
Nos bastidores, comenta-se que a disputa entre Citi e CS é acirrada como nunca. A venda da mineradora J. Mendes, de Minas Gerais, foi um dos alvos da disputa entre os dois bancos. O Citi assessorava a BHP, potencial compradora, e o suíço foi contratado pela vendedora. Em dezembro, o CS apertou o ritmo das negociações, na expectativa de que a operação — que pode chegar a US\$ 1,8 bilhão — pudesse ser fechada antes do fim do ano. Mas o negócio acabou ficando fora do ranking e ainda não foi concluído. A Usiminas, atualmente, tem a exclusividade na negociação de compra da J. Mendes.

O Credit Suisse teria aceitado fazer um laudo para a Ipiranga — que foi adquirida pelos grupos Ultra, Petrobras e Braskem — por um valor bastante abaixo do preço normal. O laudo não era necessário para a operação porque o grupo comprador já havia se baseado em um laudo feito pelo Deutsche Bank. Mas em função do preço apresentado pelo CS e pelo reforço que seria dado à operação de troca de ações, o Credit Suisse foi contratado. Com isso, o banco suíço pôde incluir a operação da Ipiranga em sua contabilidade.

Na terceira posição, aparece o ABN AMRO. Para João Teixeira, responsável pela área no ABN, o mais importante foi o banco ter conseguido fazer uma série de operações relevantes em um ano de grande incerteza sobre o futuro do banco, que acabou sendo comprado pelo Santander. (Colaborou Cristiane Perini Lucchesi)

Fusões e aquisições

Operações anunciadas - totais em US\$ milhões



Variação

Banco Valor (US\$ milhões) Part. % Nº de negócios

No Brasil, operações anunciadas entre janeiro e dezembro de 2007

1º	Citi	17.026,1	29,5	31
2º	Credit Suisse	16.942,5	29,4	29
3º	ABN AMRO	15.729,9	27,3	23
4º	Goldman Sachs & Co.	9.400,7	16,3	11
5º	UBS	9.085,3	15,7	31
6º	Banco Itaú Holding Financeira	7.514,8	13,0	18
7º	JPMorgan	7.383,6	12,8	8
8º	Estáter Gestão e Finanças	6.580,7	11,4	6
9º	Santander Global Banking	5.960,0	10,3	17
10º	Pátria Banco de Negócios	5.035,4	8,7	17

Na América Latina, operações anunciadas entre janeiro e dezembro de 2007

1º	Citi	32.559,4	28,8	53
2º	Credit Suisse	29.267,6	25,9	51
3º	JPMorgan	21.506,1	19,0	40
4º	ABN AMRO	16.308,7	14,4	29
5º	UBS	15.710,7	13,9	39
6º	Goldman Sachs & Co.	14.675,6	13,0	18
7º	Santander Global Banking	11.370,2	10,0	23
8º	Banco Itaú Holding Financeira	7.514,8	6,6	18
9º	Estáter Gestão e Finanças	6.907,3	6,1	7
10º	Merrill Lynch	6.143,4	5,4	15

No mundo, operações anunciadas entre janeiro e dezembro de 2007

1º	Goldman Sachs & Co.	1.419.044,1	31,7	492
2º	Morgan Stanley	1.341.879,0	29,9	431
3º	Citi	1.152.231,7	25,7	539
4º	JPMorgan	1.077.145,2	24,0	433
5º	UBS	1.023.725,7	22,8	463
6º	Credit Suisse	876.380,6	19,6	390
7º	Deutsche Bank AG	868.646,5	19,4	289
8º	Merrill Lynch	787.793,8	17,6	355
9º	Lehman Brothers	767.191,1	17,1	278
10º	Roitshchild	566.091,5	12,6	390

Fonte: Thomson Financial

Faturamento

Algumas pessoas conseguem ser felizes com pouco conteúdo. Outras preferem ir mais longe.

Produção

Assine o Jornal Valor Econômico por apenas

41,50 mensais

Receba a mais completa, ágil e objetiva cobertura de economia, negócios e finanças do país. Com todo o conteúdo de que você precisa para ter sucesso nas suas decisões.

Ligue e assine:

11 2199-2199 Grande São Paulo

0800 701 8888 Outras Localidades



Promoção de assinatura mensal com desconto de 34% sobre o preço do jornal em relação à compra diária dos exemplares avulsos no período de 01 mês. Pagamento apenas com cartão de crédito (American Express, MasterCard, Visa e Dinners) ou débito em conta corrente. Caso o assinante não se manifeste de forma contrária, para sua maior comodidade, sua assinatura será renovada automaticamente ao término do período contratado. A assinatura está sujeita a confirmação da entrega do jornal no local escolhido pelo interessado. Os produtos especiais do jornal Valor Econômico serão distribuídos gratuitamente para os assinantes que estiverem ativos na época da circulação de cada produto. Promoção válida até 28/02/2008.

Valor ECONÔMICO

Quanto mais você lê, mais você tem.